

# PARRESÍA E HISTORIOGRAFIA FEMINISTA NO BRASIL A PARTIR DE MICHEL FOUCAULT: CONVERGÊNCIAS POSSÍVEIS

Flávia da Rosa Melo\*

## Introdução

A prática de militância enquanto forma de vida e o feminismo enquanto local de invenção ética para mulheres foi objeto de estudo abordado por Margareth Rago na obra *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade* (2013) a partir do estudo e da interrelação das trajetórias de vida de seis feministas históricas brasileiras: Maria Amélia de Almeida Telles, Criméia Alice de Almeida Schmidt, Gabriela da Silva Leite, Ivone Gebara, Maria Lygia Quartim de Moraes, Norma de Abreu Telles e Tânia Navarro Swain. Estas mulheres, parte da resistência contra o conservadorismo e reacionarismo político, social e cultural da sociedade brasileira na segunda metade do século XX, construíram a si mesmas por meio de sua atuação no mundo de forma crítica e aberta, fazendo da luta feminista e pelas causas das mulheres um verdadeiro estilo de vida, um território de novas expressões e invenções subjetivas, políticas e sociais.

Essa obra é um exemplo de como é favorável a aproximação entre os estudos do “último Foucault”, em torno das invenções éticas, com a teoria crítica feminista. Ademais, este esforço historiográfico feito por Rago corrobora a pertinência da aproximação entre a Filosofia e a História, posto que na obra fica claro como Rago partilha da perspectiva de Michel Foucault de que há criação e insurgência de subjetividades frente ao poder despótico. Desdobrando as reflexões do filósofo francês, Rago afirma que subjetividades não-conformistas como de tais mulheres, podem transformar a própria vida e a vida de outras e outros pela coragem da verdade, construindo neste percurso a si próprias como obras, como artes feministas da existência.<sup>1</sup>

Central tanto na proposta crítica de Foucault quanto na de Rago é a noção de *parresía* – da coragem da verdade, do dizer-a-verdade mesmo sobre o risco eminente contra a própria vida. Para Foucault, a obrigação/possibilidade de dizer tal verdade coloca-se em relação determinante e constitutiva da questão do governo de si e dos outros, e é um campo de invenção e resistência subjetiva.<sup>2</sup>

Do estudo da História da Sexualidade e dos modos pelos quais o prazer era entendido a partir do estudo dos textos da Antiguidade clássica, Foucault demonstrou não só que a sexualidade era um dispositivo, como também era estritamente relacionada à questão dos cuidados de elaboração da ética, do governo de si e do governo dos outros. Nes-

\*Doutoranda (2018) em História pelo Programa de Pós-graduação em História da UFPR. Possui graduação (2014) em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e mestrado (2017) em História na mesma universidade. Discente na linha de pesquisa *Inter-subjetividade e Pluralidade: Reflexão e sentimento na História*. Tem pesquisas na área dos Estudos de Gênero e Estudos Culturais, com especial ênfase em História Contemporânea, História dos Estados Unidos e do Paraná. Bolsista CAPES.

<sup>1</sup>Rago, *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*, p. 30.

<sup>2</sup>Foucault, *O governo de si e dos outros*. Curso dado no Collège de France (1982-1983), p. 42.

te contexto, o amor, o prazer, o ato e a abstinência sexual para um seleto grupo de homens não dizia respeito apenas às vontades do corpo: para alguns, eram parte de exercícios técnicos que visavam o melhoramento de si – junto com a dieta, os estudos, a manutenção das amizades sinceras e o viver de acordo com a verdade, assumindo o constante risco que isso implica. Eram todos caminhos de um mesmo projeto filosófico-político que se dava no subjetivo e no mundo social.

A discussão proposta por Foucault principalmente em suas produções da década de 1980 demonstram, desta maneira, como é possível ser algo diferente do que se é a partir do desejo e da elaboração de um trabalho ético de transformação da subjetividade, e por tal, do mundo. A *parresía* é assim uma forma de refletir sobre a importância fundamental de pensar a relação entre o discurso e a prática – entre o que se pensa ser apresentado em coerência como se vive e vice-versa, algo buscado e assumido, mesmo sobre a sombra do risco, por todas as militantes históricas estudadas por Rago (2013).

Para Foucault, a noção de coragem da verdade foi repassada pela História por muitos e muitos grupos. Anarquistas e primeiros cristãos, por exemplo, são, além dos gregos dos textos da Antiguidade clássica, dois possíveis estudos de caso concreto que o filósofo aponta como locais de elaboração de práticas de si. Sua dedicação e interrelação constante da filosofia com a pesquisa histórica era o próprio exercício prático proposto pelo conjunto de seus estudos, o que permite considerar como os sujeitos resistem às disciplinas e aos saberes, como eles dobram os poderes estabelecidos, como eles questionam a forma como são governados.

A relação entre saber, poder e ética visa, portanto, não só ir atrás das práticas formadas por saberes, poderes e a relação do sujeito com eles e com si mesmo, como também é uma fórmula para se pensar a experiência, o eixo de formação/produção da subjetividade que atesta as resistências e as formas de ser e se colocar frente ao mundo contestatórias e mesmo desestruturalizantes do saber, poder e moral estabelecidos.

Em *O governo de Si e dos Outros*, Foucault afirma que desejou fazer um deslocamento em certa altura de suas análises para passar a analisar o eixo de constituição do modo de ser do sujeito. Na aula de 12 de janeiro de 1983, terceira aula do curso, após uma recapitulação do método como desenvolveu a pesquisa daquele ano, explana aos seus ouvintes como iria apresentá-la. Diz:

Então, o primeiro domínio, o primeiro dossiê que eu gostaria de estudar é o que havíamos encontrado ano passado, a propósito da direção de consciência e das práticas de si na Antiguidade dos séculos I e II da nossa era. E, como vocês se lembram,

hávamos encontrado essa noção interessantíssima que é a noção de *parresía*... Um dos significados originais da palavra grega *parresía* é o "dizer tudo", mas na verdade ela é traduzida, com muito mais frequência, por fala franca, liberdade de palavra, etc. Essa noção de *parresía*, que era importante nas práticas da direção de consciência, era, como vocês se lembram, uma noção rica, ambígua, difícil, na medida em que, em particular, designava uma virtude, uma qualidade (há pessoas que têm a *parresía* e outras que não têm a *parresía*); é um dever também (é preciso, efetivamente, sobretudo em alguns casos e situações, poder dar prova de *parresía*); e enfim é uma técnica, é um procedimento: há pessoas que sabem se servir da *parresía* e outras que não sabem se servir da *parresía*. E essa virtude, esse dever, essa técnica devem caracterizar, entre outras coisas e antes de mais nada, o homem que tem o encargo de quê? Pois bem, de dirigir os outros, em particular de dirigir os outros em seu esforço, em sua tentativa de constituir uma relação consigo mesmos que seja uma relação adequada. Em outras palavras, a *parresía* é uma virtude, dever e técnica que devemos encontrar naquele que dirige a consciência dos outros e os ajuda a constituir sua relação consigo.<sup>3</sup>

A *parresía* é, assim, retomada por Foucault como uma noção interessante pois significava ao mesmo tempo o dizer – sem amarras, uma manifestação da liberdade – imbuído essencialmente de uma coragem de dizer. A *parresía* e aqueles e aquelas capazes da coragem da verdade são historicamente localizáveis, como demonstra Rago no livro citado anteriormente. A proposta deste artigo é de problematizar como os estudos do gênero e a historiografia feminista brasileira dialogam e problematizam a própria história a partir do historiador-filósofo. Para tal, a reflexão foi desenvolvida em dois momentos. Primeiro, realizo uma reflexão teórica e crítica que desdobre o lugar da *parresía* como forma de elaboração ética em dois textos de Michel Foucault com datas próximas a *História da Sexualidade, 2: o uso dos prazeres* (1984): *O Sujeito e o Poder* (1982) e algumas aulas de um dos seus cursos no Collège de France, intitulado *O Governo de Si e dos Outros* (1982-1983). Na sequência, verticalizando a análise, demonstro como a perspectiva de Rago de que subjetividades feministas são tais artes da existência, *parresias-tas* por escolha, é de extrema valia para problematizar como os estudos do gênero e uma teoria crítica feministas leitora de filósofos e filósofas podem dialogar e problematizar a história de maneira a dar luz e espaço a indivíduos que ousaram escolher-ser algo diferente frente ao poder despótico.

### ***Parresiastas, uma escolha***

Uma das aproximações mais prolíficas e críticas aos estudos de Foucault foi realizada pelas feministas. Segundo Margaret A. McLaren, enquanto uma vertente do feminismo aponta a pertinência do uso crítico dos estudos de Foucault

<sup>3</sup>Foucault, *O governo de si e dos outros*. Curso dado no Collège de France (1982-1983), p. 42.

para uma teoria feminista, outra vertente argumenta que talvez os pressupostos subjacentes do feminismo sejam antitéticos ao seu referencial teórico. As discordâncias referem-se, como aponta McLaren, a um debate mais amplo que diz respeito à compatibilidade ou não de uma aproximação pós-estruturalista e pós-moderna com uma política progressista emancipatória.<sup>4</sup>

Como o caso do trabalho de Margareth Rago já citado aqui aponta, não há contradição entre a relação de desejo e a luta pela emancipação política e de gênero das mulheres com os estudos de Foucault, mas isso não significa que a aproximação seja leve e condescende, no sentido literal da ideia. A aproximação Foucault-feminismos exige não só uma dedicação teórica e metodológica muito sensível e aguçada, como também torna mister que se abra a pensar, a obter como elaboração, reflexões que podem ser incômodas para as nossas certezas e esperanças quanto ao que pensamos do mundo, exigindo mudanças e mesmo a própria saída de lugares-comuns aceitos dentro de militâncias, associativismos e movimentos sociais com os quais nos identificamos.

Não é de se estranhar, portanto, que as aproximações e distanciamentos mais prolíficos em relação a sua obra se deem a partir das feministas e das esquerdas. Rago afirma que ambos – feminismos e Foucault – promoveram avanços na forma de se pensar o mundo que são muito correspondentes e complementares, pois

Enquanto os feminismos registram uma larga experiência histórica construída a partir de críticas contundentes às formas excludentes e sexistas de organização da vida social, as teorizações de Foucault sobre o poder, a liberdade, o sujeito, a sexualidade e o corpo oferecem uma linguagem conceitual sofisticada para abordar e nomear temas que envolvem a produção da subjetividade, fornecendo, às feministas, operadores para pensarem politicamente questões pouco claras ou visíveis e para darem visibilidade a muitas de suas práticas e experimentações.<sup>5</sup>

McLaren também partilha de tal perspectiva. A autora afirma que Foucault desafia o humanismo ao demonstrar que o sujeito racional não pode ser pressuposto, bem como que a ideia de subjetividade precisa ser pensada como resultado de práticas linguísticas particulares e formações discursivas. Da mesma forma, sua noção de poder é relacional a noção de subjetividade, articulando como o poder opera nos indivíduos através de normas sociais, de práticas e de instituições<sup>6</sup>.

A partir dessa consideração fica possível compreender por que os debates feministas dedicam tantas páginas a pensar Foucault, concordando ou não com ele. Ao se negar a reiterar apelos a universais como saída a crises,

<sup>4</sup>McLaren, *Feminism, Foucault, and embodied subjectivity*, p. 1.

<sup>5</sup>Rago, *“Estar na hora do mundo”: subjetividade e política em Foucault e nos feminismos*, p. 2.

<sup>6</sup>McLaren, *Feminism, Foucault, and embodied subjectivity*, p. 1-22.

ele propõe críticas e revisões ao próprio modo como a ideia de identidade e luta política se constrói, e isto é um movimento também para dentro da própria esquerda, principalmente de matriz marxista. Direitos Humanos, liberdade, cidadania, sociedade, identidade, ser Mulher, classe, raça, enfim... Não visando minar a legitimidade das pautas, mas sim colaborar para que se pense outras saídas e respostas que não sejam a reprodução ao avesso de uma mesma lógica poder-saber que criou tal diferenciação hierárquica e excludente, Foucault e o pós-estruturalismo instigam a uma revolução do próprio modo de pensar, por novos modos de organizar o indivíduo.

Para pensar uma historiografia que se esforça em fazer diálogos teórico-metodológicos com o filósofo, deve-se considerar como o próprio Foucault pensa o conjunto de sua obra, seus possíveis usos e as urgências as quais ela visa auxiliar a responder. Na primeira aula do seu curso de 1982-1983 no Collège de France, ele apresenta da seguinte forma suas intenções de estudo e uma definição de “foco de experiência” dentro da História do Pensamento. Para Foucault,

(...) o que procurei fazer foi uma história do pensamento. E por “pensamento” queria dizer uma análise do que se poderia chamar de focos de experiência, nas quais se articulam uns sobre os outros: primeiro, as formas de uma saber possível; segundo, as matrizes normativas de comportamento para os indivíduos; e enfim os modos de existência virtuais para sujeitos possíveis.<sup>7</sup>

Na mesma época, em um texto de 1982 intitulado *O Sujeito e o Poder*, Foucault apresenta de forma mais específica tal perspectiva de que sua produção desejava pensar em uma História do Pensamento. Neste texto, uma fala sua na Universidade de Califórnia – Berkeley, ao apresentar sua perspectiva sobre seus temas de estudo vincula, tal qual no texto anterior, seu interesse sobre o poder em conjunto das reflexões em torno do saber, do sujeito e da subjetividade. Ele diz:

Eu gostaria de dizer, antes de mais nada, qual foi o objetivo do meu trabalho nos últimos vinte anos. Não foi analisar o fenômeno do poder nem elaborar os fundamentos de tal análise. Meu objetivo, ao contrário, foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tomaram-se sujeitos. Meu trabalho lidou com três modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos.<sup>8</sup>

É notório que para a elaboração filosófica de Foucault o sujeito não é o ponto de partida, sendo necessário estudar também o passo anterior, justamente aquele que historiciza as práticas e os discursos que constroem este sujeito.

<sup>7</sup>Foucault, *O governo de si e dos outros*. Curso dado no Collège de France (1982-1983), p. 5.

<sup>8</sup>Dreyfus; Rabinow, *O Sujeito e o Poder*. In: *Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*, p. 231.

Assim, sua menção a “três modos de objetivação” diz respeito à coerência de sua perspectiva crítica de que o próprio sujeito das Ciências Humanas não pode ser tomado como pré-existente às Ciências Humanas: ele só aparece inclusive como possibilidade porque saberes e poderes disciplinares dão condições históricas para este surgimento, para tais objetivações.

A importância de tal afirmação ao pensarmos em Teoria da História e pesquisas historiográficas se deve porque, para Foucault, partimos da afirmação e da convocatória a se assumir a inexistência de um sujeito universal, e da necessidade urgente de mover pesquisas que versem a pensar sobre as possibilidades dos modos de existir, de possíveis outras subjetividades que não estas (as que parecem “normais”), concebidas dentro de um paradigma de mundo específico que transformou seres humanos em sujeitos reconhecíveis por saberes indiciários. Por tal, é possível afirmar que Foucault convoca nossos interesses de estudo à atenção a novos modos de organizar o indivíduo que devem passar invariavelmente também por novos modos de se pensar a filosofia, a história e o próprio exercício historiográfico.

É importante frisar que a divisão da produção intelectual de Foucault em três grandes fases – do saber, do poder e dos estudos sobre a ética e as práticas em torno de si – pode dizer respeito a tais “três modos de objetivação” no que toca a reflexão teórica.

Como visto, fazer tal divisão em fases foi um recurso pedagógico e interpretativo do qual o próprio autor se valeu para esboçar sua reflexão e ponderar sobre o conjunto de sua produção intelectual<sup>9</sup>. É algo que auxilia a compreender a perspectiva presente no “último Foucault” e nítida neste texto apresentado em Berkeley de que seus estudos, de forma geral, estiveram ligados pela preocupação em pensar como nos tornamos – ou como não nos tornamos tão – sujeitos.

Para McLaren, ele próprio defende a partir deste texto e de outras entrevistas e comunicações que saber, poder e sujeito não podem ser pensados sequencialmente, mas sim simultaneamente<sup>10</sup>, enquanto um pensamento genealógico da hermenêutica do sujeito.

Mesmo assim, é inegável que essa separação em fases é um recurso bastante válido na medida em que permite uma localização prática de proposições e reflexões de Foucault que foram tornadas públicas por diversos meios. Foucault não foi só um intelectual que pensava e refletia o mundo dentro de um gabinete ou uma instituição. Por meio de livros, cursos ministrados no Collège de France e fora, anotações, entrevistas e artigos para jornais e revistas, seminários e falas *a posteriori* transcritas (como é o caso desta com a qual trago a reflexão), feitos em diversos países e contextos sociopolíticos, o historiador-filósofo deixou um grande conjunto de ideias que po-

<sup>9</sup>Dreyfus; Rabinow, *O Sujeito e o Poder*. In: *Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*, p. 231-232.

<sup>10</sup>McLaren, *Feminism, Foucault, and embodied subjectivity*, p. 5.

dem ser melhor estudadas se consideradas dentro destes três grandes modos de objetivação, que podem ser tomados, como já dito, como três grandes estágios não-hierárquicos de sua trajetória de produção crítica e intelectual.

Todavia, sua dedicação em fazer nesta fala nos Estados Unidos, de modo público e inicial, a afirmação de que seu objetivo não foi analisar o fenômeno do poder ou elaborar exclusivas fundamentações para sua análise fazem considerar que havia ali um duplo incômodo ao qual ele respondia: primeiro, contra a acusação de que ele só via o poder e não tinha possibilidade de ação para os sujeitos; e em segundo lugar, de que sua trajetória intelectual e crítica seria marcada por proposições contraditórias se tomadas em diálogo.

Ainda hoje não é incomum nem raro que questionadores (no campo da história e fora) sustentem uma perspectiva reducionista acerca das possibilidades de auxílio crítico de sua obra e de sua perspectiva para filosofia e a história, e ainda para o papel político das duas disciplinas.

Anteriormente, vimos de forma bastante didática por conta, talvez, do caráter de oralidade implícito a este escrito fruto de uma fala na Califórnia, que o panorama de seus estudos e preocupações é apresentado pelo próprio autor de forma diferente desta com que diversos críticos o interpretavam e questionavam. As denúncias de que suas proposições eram antitéticas entre si e de que sua consideração sobre o poder não contemplava a existência de sujeitos - e mais, a própria possibilidade de crítica e ação nas teias deste poder - guiaram a escrita de vários textos críticos a Foucault e ao pós-estruturalismo.

Contudo, estas são perspectivas bastante arbitrárias e lacônicas por serem incoerentes com suas obras. Como o próprio Foucault afirma na sequência de sua fala nos Estados Unidos, há saída, há criação e há sujeitos em seus estudos. A preocupação da filosofia e da história, e a saída possível frente às sempre presentes “doenças do poder”, como o fascismo e o stalinismo, precisa ser pensada enquanto uma busca por novas economias nas relações de poder. Ele diz

O que necessitamos é de uma nova economia das relações de poder entendendo-se economia num sentido teórico e prático. Em outras palavras: desde Kant, o papel da filosofia é prevenir a razão de ultrapassar os limites daquilo que é dado na experiência; porém, ao mesmo tempo - isto é, desde o desenvolvimento do Estado moderno e da gestão política da sociedade - o papel da filosofia é também vigiar os excessivos poderes da racionalidade política. O que é, aliás uma expectativa muito grande<sup>11</sup>.

Reforçando que tais novas economias das relações de poder devem ser problema dentro das próprias Ciências Humanas e consideradas enquanto uma possível forma de fuga às doenças do poder, Foucault defende problematizar o modo

<sup>11</sup>Dreyfus; Rabinow, *O Sujeito e o Poder. In: Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*, p. 233.

como seres humanos se tornam sujeitos de uma forma a reiterar a possibilidade de mudança da própria racionalidade política:

Gostaria de sugerir uma outra forma de prosseguir em direção a uma nova economia das relações de poder, que é mais empírica, mais diretamente relacionada à nossa situação presente, e que implica relações mais estreitas entre a teoria e a prática. Ela consiste em usar as formas de resistência contra as diferentes formas de poder como um ponto de partida. Para usar uma outra metáfora, ela consiste em usar esta resistência como um catalisador químico de modo a esclarecer as relações de poder, localizar sua posição, descobrir seu ponto de aplicação e os métodos utilizados. Mais do que analisar o poder do ponto de vista de sua racionalidade interna, ela consiste em analisar as relações de poder através do antagonismo das estratégias.<sup>12</sup>

Na década de 1980, essa chamada de atenção para se pensar a relação entre teoria e prática foi um dos temas principais ao qual Foucault se ateve em seus cursos, uma preocupação de fundo em seus estudos.

A importância dada ao papel das resistências como forma de ir em direção dessa nova economia das relações de poder é coerente com os esforços de sua própria vida e dedicação intelectual. Foucault sempre foi um filósofo que acreditou no dever da filosofia e do intelectual de pensar o presente: um ativista em diversas frentes, militante político na França e no exterior. O que o destaca a este momento de sua produção intelectual visa demonstrar é que para ele, tal qual para os movimentos feministas, é fundamental pensar como se colocar no mundo e como interligar o discurso e a prática, tornando a forma de existir militante, não-conformista.

O crédito ao empirismo, salientado no trecho anteriormente citado, também evidencia novamente a importância dada pelo filósofo ao estudo de caso, à pesquisa histórica: Foucault chama a atenção à necessidade da observação das formas de resistência e luta existentes no seu presente e no passado. Mais uma vez, a importância da história para sua perspectiva filosófica não pode ser ignorada. Essa é uma das razões pelas quais os trabalhos de Foucault, e em especial análise aqui seus últimos trabalhos, têm muito a oferecer ao feminismo, e em especial, muito a contribuir para pesquisa histórica que tem fundamentações na teoria feminista e nos estudos do gênero: é fundamental e urgente estudar as resistências, as lutas para não ser *tão governado assim*, as subjetividades não reconhecidas plenamente enquanto sujeitos do humanismo, enfim, aqueles e aquelas que escolheram se posicionar ao lado da verdade e da coragem, que devem ter local distinto de atenção e dedicação dentro das pesquisas e estudos acadêmicos.

<sup>12</sup>Dreyfus; Rabinow, *O Sujeito e o Poder. In: Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*, p. 234.

## As narrativas sobre si e a autobiografia enquanto prática feminista.

A partir deste primeiro momento de análise, torna-se possível verticalizar a reflexão sobre a relação Foucault-feminismos na historiografia brasileira.

Há diversos trabalhos que poderiam ser considerados para tal análise, encontrados em artigos, dissertações, teses e mesmo já publicados em livros. Todavia, a obra *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade* (2013), de Margareth Rago, é um excelente objeto para uma reflexão mais pontual. Nesta obra, Rago fez um grande esforço interdisciplinar e de coleta de fontes históricas.

Em um recente texto, Rago afirma que as convergências das interpretações feministas com as reflexões de Foucault, no que se refere à crítica aos modos de sujeição promovidos na modernidade e à busca de outras possibilidades de existência, são úteis para pensarmos políticas feministas de contraconduta e contestação. Rago considera como uma das mais centrais disposições de sua reflexão e de outros intelectuais pós-estruturalistas reconhecer que os indivíduos, homens e mulheres, tem a potência de pensar “como estar na hora do mundo”<sup>13</sup>. Ao exercerem a coragem da fala, de se posicionar de maneira contrária quanto a algo mesmo que isso lhes custe a vida, demonstram como não há só sujeição e condescimento com o poder.

Assim, fica claro como estudar experiências reais de homens e mulheres que “estavam na hora do mundo” e por isso se posicionaram em atos de coragem e de *parresía* é forma de se buscar o traço, a prova histórica – para determinadas pessoas, fundamental – de que alguns e algumas durante a história ousaram ser e lutar contra os poderes despóticos, a moral conservadora, as lógicas hierárquicas, racistas, sexistas, heteronormativas e misóginas. Ousaram, portanto, ser diferente e dobrar a sujeição, construindo espaços subjetivos e materiais de atuação e criação revolucionária.

A partir de tais questões apresentadas até aqui, ganha melhor destaque as observações de Margareth Rago e Margaret McLaren acerca da pertinência que os últimos trabalhos de Foucault têm às esquerdas e aos feminismos ao apresentarem uma conexão entre as subjetividades éticas e o contexto ético e político: Foucault corporifica a subjetividade, devolvendo para a história, isto é, para a problematização do ser/estar no tempo, em cada contexto específico, como os modos de subjetivação e as invenções subjetivas se dão por lutas, lógicas e tramas de poder.

Como afirma McLaren sobre a convergência das pautas feministas e com o filósofo:

As políticas do corpo e as práticas de si não começam e terminam com o indivíduo. Elas são sociais, culturais, históricas. Reconhecer as tecnologias de si como políticas não reduz a política ao pessoal, ou impossibilita a ação coletiva e a mudança estrutural. Ao invés disso, ele am-

<sup>13</sup>Rago, “Estar na hora do mundo”: subjetividade e política em Foucault e nos feminismos, p. 3.

Nas discussões e cursos de Foucault, é possível localizar as políticas de ação individual e ao mesmo tempo coletivas que promovam mudanças estruturais, até mesmo mudanças na forma como alguém é reconhecido e se reconhece. A argumentação traçada até aqui, que se inicia com a noção de *parresía* e o fluxo de argumentação possibilitado por McLaren e Rago, duas intelectuais feministas e leitoras de Foucault, são demonstrações disto.

Cabe reiterar que não é possível dizer que apenas o “último Foucault” operacionaliza tais possíveis ferramentas conceituais e teóricas. Outros pontos já foram apresentados no decorrer deste texto, como exemplo, a necessária interrelação entre saber, poder e ética enquanto eixos para pensar a experiência e a produção de subjetividades. Portanto, uma análise mais ampla do conjunto de sua obra é de grande valia e necessária feitura.

É de significativa importância salientar que, para Foucault, a noção de *parresía* não é exclusivamente um ato raro, que só alguns e algumas, distintos por nascença, poderiam praticar. O pacto que há dentro da *parresía*, pacto do sujeito que fala com ele mesmo e com a verdade, pode ser enunciado por qualquer um que assumir, por elaboração ética, a coragem de se posicionar de forma não-conformista em relação ao tirano.<sup>15</sup>

Na *parresía* o poder pode ser enfrentado, desafiado, contestado, transformado por homens e mulheres comuns. Isto é: para se ser o homem verídico, isto é, aquele que defende e vive de acordo com a verdade, com a veracidade, não é necessário ser um filósofo como Platão, alguém distinto, que enfrenta o despótico Dionísio e a latente possibilidade de ser morto ou vendido como escravo em um dos estudos de caso feitos por Foucault a partir dos textos da Antiguidade clássica.

Como Foucault afirma, ousar falar podia ser até o que se esperava de Platão como um mestre. Agora de Dion, um homem comum e livre, não havia exigência de assumir a coragem da verdade: o que caracteriza um enunciado *parresiástico* não é o fato de que o sujeito que enuncia tenha um estatuto. Ele pode ser um filósofo, como pode ser qualquer um. Ele apenas precisa ser livre e, por elaboração da consciência, assumir a fala<sup>16</sup>. Tal qual os feminismos de todas as vertentes se dedicam a fazer, buscando e dando visibilidade a existências que se dedicaram a construir práticas de crítica às formas excludentes e sexistas de organização da vida social, ser *parresiásta*, construir artes feministas da existência, é possível, e não o é somente para algumas poucas mulheres.

<sup>14</sup>McLaren, 2012, p. 145.

<sup>15</sup>Foucault, *O governo de si e dos outros*. Curso dado no Collège de France (1982-1983) p. 62.

<sup>16</sup>Foucault, *O governo de si e dos outros*. Curso dado no Collège de France (1982-1983) p. 63.

Mover pesquisas dedicadas ao estudo de tais outras artes do viver que são questionadoras e transformadoras de suas realidades histórico-sociais não deixa de ser assim compromisso e um ativismo político. Rago defende esta perspectiva em seu livro *A aventura de contar-se* (2013), ao buscar entender como os feminismos e o ativismo de mulheres traçaram desde a década de 1970 profundas e positivas mudanças na cultura e na sociedade brasileira.

Como já indicado de forma breve no começo do artigo, com o propósito de dar visibilidade aos processos de invenção de subjetividades e da história da atuação política, social e/ou acadêmica de seis feministas históricas de esquerda, Rago desdobra a partir da teoria crítica pós-estruturalista e feminista tais conceituações e reflexões sobre a “escrita de si”, as “artes da existência”, a potencialidade do desejo e os sujeitos nômades problematizados a partir de Michel Foucault, Gilles Deleuze, Rosi Braidotti e Leonor Arfuch, por exemplo.

A importância de se reconhecer estas subjetividades e ativismos questionadores está para Rago também no reconhecimento da necessidade de se fazer conhecer “ícones feministas locais” dentro da polifonia da memória do feminismo no Brasil, que critiquem os próprios padrões de nossa tradição intelectual sobre a quais indivíduos, geralmente homens, são destinados os locais de reconhecimento oficial de trajetória de vida<sup>17</sup>. É um esforço, portanto, de substituir o relato historiográfico canônico com a reconstituição de diferentes experiências de transformação política, evidenciadoras da pluralidade das subjetividades e da capacidade de criação e subversão aos códigos morais.

É na introdução deste livro que Rago faz uma cuidadosa reflexão teórica sobre as implicações de suas escolhas, pessoais, políticas e teóricas para o traçado de sua pesquisa. Partindo da inegável constatação de que os feminismos traçaram mutações e avanços na cultura e na forma de organizar o espaço e sociedade brasileira da segunda metade do século XX em diante, Rago delinea sua análise histórica a partir da afirmação de que em meio a ditadura civil-militar no Brasil, mulheres passaram a se unir e progressivamente criar novos modos de existir, de ocupar espaço públicos, de sociabilizar, de transformar da vida social e política, inclusive a própria ideia de seus corpos, conferindo, enfim, novos sentidos à sociedade e às suas vidas, e esmaecendo fronteiras estanques.<sup>18</sup>

As mulheres inovaram e transformaram uma cultura masculina, pretensamente objetiva e racional. É por tal constatação que Rago relaciona sua proposta de pensar artes da existência com a importância dos feminismos e da crítica teórica feminista, ao dizer que

A crítica feminista foi - e tem sido - radical ao buscar a liberação das formas de sujeição impostas às mulheres pelo contrato sexual e pela cultura de massas, e, se num primeiro momento o corpo foi negado e negligenciado

<sup>17</sup>Rago, *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*, p. 42.

<sup>18</sup>Saliento que a afirmação de Rago sobre a década de 1970 como referencial para estas associações e críticas de mulheres e feministas não visa ignorar semelhantes atuações anteriores no Brasil. A atenção para a datação diz respeito a importância, para este trabalho que se dedicou a reconstruir subjetividades de mulheres feministas da esquerda, da questão do Golpe Militar do Brasil em 1964 (Rago, *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*, p. 24.

como estratégia dessa recusa das normatizações burguesas, desde os anos 1980 percebem-se uma mutação nessas atitudes e uma busca de ressignificação do feminino. De um lugar estigmatizado e inferiorizado, destituído de historicidade e excluído para o mundo da natureza, associado à ingenuidade, ao romantismo e à pureza, o feminino foi recriado social, cultural e historicamente pelas próprias mulheres. A cultura feminina, nessa direção, foi repensada em sua importância, redescoberta em sua novidade, revalorizada em suas possibilidades de contribuição, antes ignoradas e subestimadas.<sup>19</sup>

Ademais, na relação com artes do existir, a afirmação da importância dos feminismos no constante retratado das subjetividades contemporâneas é salutar, pois não diz respeito somente às mudanças sociais e culturais que ele provoca. O feminismo é também um local de invenção ética, pois.

Pode-se dizer, portanto, que os feminismos criaram modos específicos de existência mais integrados e humanizados, desfazendo as oposições binárias que hierarquizam razão e emoção, público e privado, masculino e feminino, heterossexualidade e homossexualidade. Inventaram eticamente, ao defenderem outros lugares sociais para as mulheres e sua cultura, e operaram no sentido de renovar o imaginário político e cultural de nossa época, principalmente em relação aos feminismos do século XIX e do início do século XX.<sup>20</sup>

<sup>19</sup>Rago, *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*, p. 25.

<sup>20</sup>Rago, *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*, p. 27.

<sup>21</sup>Deleuze, 1992, p. 220.

<sup>22</sup>Rago, *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*, p. 29

<sup>23</sup>É importante a ressalva de que Rago não parte somente da ideia de artes da existência proposta por Foucault em *História da Sexualidade, volume 2: O cuidado de si*. A própria autora salienta que a reflexão é desdobrada a partir de várias obras de Foucault sobre a constituição do indivíduo ético e o governo das condutas, sendo elas: *Do governo dos vivos* (2011); *Segurança, território, população: Curso no Collège de France* (1978); e *A Hermenêutica do Sujeito* (2004).

Considerando uma reflexão sobre os propósitos e esforços que moveram tal obra, o comprometimento do estudo é assim o de refletir sobre o que geralmente a historiografia não teoriza, ou seja, “como se constroem esses feminismos que escapam às estratégias moleculares de poder, às sofisticadas tecnologias biopolíticas de produção da individualidade da “sociedade de controle”<sup>21</sup> e onde eles podem ser percebidos (...)”<sup>22</sup> e, a partir disso, as subjetividades que constroem e são um entre-lugar com os feminismos.

Como já citado, Rago escolhe seis feministas brasileiras que se autodefinem como de esquerda para esmiuçar, a partir das escritas de si tecidas e re-tecidas por elas próprias, a possibilidade subjetividades que escapam e propõem uma fissura às estratégias moleculares de poder e às sofisticadas teorias biopolíticas.<sup>23</sup> Como e onde se constroem, portanto, “artes feministas da existência”, possibilidades exploradas nos espaços que se abrem a

partir da linguagem e da escrita como prática de relação renovada, de si para consigo e também para o outro.<sup>24</sup>

Relacional a esta proposição de Rago e considerando a questão da proposta deste artigo, é salutar uma reflexão sobre as fontes históricas utilizadas pela autora. Para explorar os espaços que se abrem a partir da linguagem e da escrita, Rago faz a escolha de trabalhar com relatos autobiográficos, partindo da percepção ancorada nos estudos de Leonor Arfuch de que a narração de uma vida está longe de representar algo já existente, pois é o que impõe forma e sentido à própria vida: são narrativas nas quais se reconstrói o próprio passado, avalia-se a própria vida e também, algo que dá sentido ao presente<sup>25</sup>. Assim, as fontes utilizadas para se problematizar e construir a história destas artes feministas da existência são relatos autobiográficos, como já dito, colhidos em entrevistas realizadas pela autora ou mesmo já publicados. Além disso, compuseram o corpus documental para a análise histórica os artigos e livros escritos pelas militantes que compõem o livro, cartas e, quando foi o caso, os processos crime destas mulheres.<sup>26</sup>

O que chama a atenção a partir deste corpus documental utilizado para construir esta história das subjetividades, também considerando que foram seis mulheres estudadas é, sem dúvidas, a quantidade e a especificidade das fontes necessárias para se tecer uma problemática como tal. O aporte teórico do qual Rago parte atesta que as fragilidades que constantemente são relacionadas a autobiografia, como o limite entre ficção e realidade, ainda são um ponto de questionamento. Porém, tal questão linguística não impede a análise, uma vez que a pretensão do narrador coeso e facilmente detectável foi abandonada pelas ciências humanas como um todo devido ao alargamento do campo e das compreensões sobre o narrar.<sup>27</sup>

Esta é uma discussão intensa e bastante complexa que envolve a questão da autobiografia enquanto gênero, narrativa e texto. Na análise de Rago, fica latente que a autobiografia e a narrativa sobre si é - além das vidas e das militâncias de cada uma - o próprio exercício da ascese e a elaboração de si para consigo, o que permite “cartografar a própria subjetividade”<sup>28</sup> e desdobrar o debate sobre as práticas concretas e os modos de pensar os feminismos e a esquerda de forma crítica para as seis mulheres. De mesmo modo, a narrativa sobre si e a (re)construção de si e da própria vida é o que permite que essas feministas históricas sejam exemplos de “máquinas de guerra”: formadoras e partes de espaços e ações e estratégia de combate mobilizadas contra todas as formas de poder hegemônico e excludente.<sup>29</sup>

Refletir sobre quais são tais documentos/fontes é essencial ainda para que a problematização de gênero seja também preeminente na análise, desconstruindo noções pré-discursivas e apontando a historicidade das noções binárias que fazem parte das narrativas sobre si (e das críticas das feministas históricas, como foi o caso). O espaço biográfico foi por

<sup>24</sup>Rago, *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*, p. 30.

<sup>25</sup>Rago, *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*, p. 30.

<sup>26</sup>Por uma questão de recorte a temática do trabalho e de espaço para o debate não irei pormenorizar quais foram as fontes utilizadas para cada uma das análises. Reitero que seus nomes são: Maria Amélia de Almeida Telles; Criméia Alice de Almeida Schmidt; Gabriela da Silva Leite; Ivone Gebara; Maria Lygia Quartim de Moraes; Norma de Abreu Telles e Tânia Navarro Swain.

<sup>27</sup>Rago, *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*, p. 33.

<sup>28</sup>Rago, *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*, p. 33.

<sup>29</sup>Rago, *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*, p. 33.

muito tempo masculino, um foro privilegiado dentro da historiografia e da literatura, para a honra e o tratado da vida e trajetórias públicas de homens ilustres, por vezes até algo independente do posicionamento político. De acordo com Rago, pensar o espaço autobiográfico na ideia de escritas sobre si textuais precisa reconhecer o critério de classe que o compreende, e também que a questão de gênero a ela se enreda porque a produção autobiográfica é marcadamente masculina, e precisa deixar de ser. A dimensão feminista deste esforço de reconhecimento de narrativas sobre si está desta maneira na própria consideração discursiva da(s) subjetividade(s) que a constrói, e ainda na subversão aos padrões literários socialmente construídos e perpetrados que ela permite.<sup>30</sup> muito tempo masculino, um foro privilegiado dentro da historiografia e da literatura, para a honra e o tratado da vida e trajetórias públicas de homens ilustres, por vezes até algo independente do posicionamento político. De acordo com Rago, pensar o espaço autobiográfico na ideia de escritas sobre si textuais precisa reconhecer o critério de classe que o compreende, e também que a questão de gênero a ela se enreda porque a produção autobiográfica é marcadamente masculina, e precisa deixar de ser. A dimensão feminista deste esforço de reconhecimento de narrativas sobre si está desta maneira na própria consideração discursiva da(s) subjetividade(s) que a constrói, e ainda na subversão aos padrões literários socialmente construídos e perpetrados que ela permite.<sup>30</sup>

A pontuação da centralidade da concepção da linguagem e do discurso por serem instrumentos por meio dos quais as representações sociais são formuladas, veiculadas e assimiladas se faz desta forma central porque tal crítica sobre vidas como obras de arte feministas propõem também que a própria literatura e a linguagem sejam questionadas.<sup>31</sup>

Vemos na leitura da obra que Rago parte do pressuposto de que para se pensar gênero e artes feministas da existência é necessário considerar que a crítica a si e ao meio está mediada por um sistema de representações, articulador do processo de subjetividade por meio de formas culturais. Além disso, é uma preocupação que dialoga com tensionamentos propostos pelo próprio Foucault, como de que o sujeito não preexiste aos acontecimentos, ele constitui-se na ação e em redes de relação em que vivencia a experiência<sup>32</sup>, sendo portanto, tal qual as binaridades do masculino e feminino, da direita e a esquerda, do homem e a mulher, dos prazeres e os interditos, algo inventado e mediado pela linguagem.

É concebível afirmar isso porque dentre os modos de subjetivação possíveis de serem encontrados no ocidente, Rago dialoga com Foucault justamente para apontar como a ideia de “prática de militância” foi ela própria uma questão de ética a partir principalmente da segunda metade do século XIX e das primeiras décadas do século XX. Tal qual na Antiguidade clássica, a ideia da Revolução foi totalmente permeada por semelhante desejo de cons-

<sup>30</sup>Rago, *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*, p. 33-34.

<sup>31</sup>Rago, *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*, p. 30.

<sup>32</sup>Rago, *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*, p. 42-43.

trução de um homem novo, outro, e tal desejo encontrou diversos homens e mulheres dispostos ao cuidado de si e de suas ações para tal obra.<sup>33</sup>

Assim é notório como as possibilidades de artes da existência e estéticas do viver não são exclusivas de uma determinada época, grupo social ou político. Constituídas pelas mais diversas técnicas de si e de cuidado de si e do outro como a meditação, a escrita, a dieta, exercícios físicos ou espirituais e da parrésia - isto é, a coragem da verdade questionadas<sup>34</sup> -, são diversas as constituições de subjetividades ético-políticas que foram e são possíveis. Rago afirma:

A constatação da existência de modos diferenciados de formação do indivíduo, tanto na relação com os códigos morais quanto na relação consigo mesmo, ao longo da história, permite problematizar e desnaturalizar as práticas modernas de produção de si, evidenciando sua dimensão normativa, despotencializadora e sedentarizante. (...) Entendo a transformação social não só como um projeto político, mas como um estilo de vida, uma “estética da existência” criada na experiência individual e social, Foucault busca fazer a história das “técnicas de si” e das “artes do viver”, uma história as experiências de construção da vida como arte (...).<sup>35</sup>

Por fim, a partir da leitura das vivências e dos “lugares no mapa” das seis feministas históricas é evidente como a prática de militância enquanto forma de vida e o feminismo enquanto local de invenção ética foi, para todas as mulheres com quem Rago dialoga, um trabalho relacional e de abertura para o mundo, um estilo de vida antes do que mero um projeto político.

A pesquisa de Rago exigiu uma dedicação teórico-metodológica interdisciplinar, bem como um grande fôlego e tempo na coleta, organização e reflexão sobre as fontes. A partir disso, ficou claro como a escrita de si que é autobiográfica e não-confessional é uma abertura para o outro e para o devir, um esforço também de assumir o controle da própria vida<sup>36</sup>. É por esta coragem e abertura para o outro, pelo comprometimento com as lutas feministas como um estilo de vida e porque tais mulheres tornaram-se sujeito de si pelo trabalho, assumindo e lidando com todas as falhas e perigos a que se relaciona esta coragem de dizer que Rago as vê como parresiatas: como aqueles indivíduos que assumiram e deram forma a ousadia da coragem da verdade.

## Conclusão

Em *O Sujeito e o Poder* Foucault afirma ser o problema político, ético, social e filosófico de nossos dias “liberarmos tanto do Estado quanto do tipo de individualização que a ele se liga. Temos que promover novas formas de subjetividade

<sup>33</sup>Rago, *A aventura de contar-se: feminismo, escrita de si e invenções da subjetividade*, p. 43-48.

<sup>34</sup>Rago, *A aventura de contar-se: feminismo, escrita de si e invenções da subjetividade*, p. 43.

<sup>35</sup>Rago, *A aventura de contar-se: feminismo, escrita de si e invenções da subjetividade*, p. 49.

<sup>36</sup>Rago, *A aventura de contar-se: feminismo, escrita de si e invenções da subjetividade*, p. 53.

através da recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposto há vários séculos”<sup>37</sup>. Rago e McLean concordam que isso não quer dizer que Foucault defende uma busca “ao que realmente somos”, como se existisse algo dentro de nós, inato – e obrigatoriamente bom – que nos libertaria de sermos tão individualistas e passíveis às doenças do poder.

Não cabe reforçar “uma identidade imposta pelas formas disciplinares, biopolíticas e pelas tecnologias da governamentalidade, mas de “recusar o que somos”, libertando-nos tanto da individualização quanto da totalização própria das estruturas do poder moderno”<sup>38</sup>. Se trata de desenvolvermos um trabalho ético – e historiográfico – para agirmos de forma coerente com o que pensamos, para que o ser-estar no mundo seja cada vez mais um processo de elaboração subjetiva para a revolução das formas da biopolítica e da governamentalidade estabelecidas.

Concluí-se assim que a uma atenção com a perspectiva de Foucault em relação a como os estudos de gênero e uma historiografia feminista podem dialogar e problematizar a própria disciplina histórica é necessária. Vimos a importância de trabalhos como o de Rago, ao demonstrar a atuação política e ética de mulheres que assumiram o risco de ferir a si e ao outro, o risco da violência nas mais variadas esferas e âmbitos. O estudo e o reconhecimento destas mulheres dentro de uma tradição feminista brasileira é fundamental: para que estas subjetividades criativas, nômades e não-obedientes sejam referência na luta contra a normatividade e contra novos e antigos modelos biopolíticos, androcêntricos e de toda forma de controle dos corpos, “e para a criação de novos territórios e novos modos de expressão subjetiva, política e social”.<sup>39</sup>

<sup>37</sup>Dreyfus; Rabinow, *O Sujeito e o Poder*. In: *Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*, p. 239.

<sup>38</sup>Rago, “Estar na hora do mundo”: *subjetividade e política em Foucault e nos feminismos*. p. 2.

<sup>39</sup>Rago, *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*, p. 56.

## Bibliografia

DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul; FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: *Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. São Paulo: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade, 2: o uso dos prazeres*. Paz & Terra, 2017.

\_\_\_\_\_. *O governo de si e dos outros*. Curso dado no Collège de France (1982-1983). Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010 (1a ed.).

MCLAREN, Margaret A. *Feminism, Foucault, and embodied subjectivity*. CIDADE: Suny Press, 2012.

RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

\_\_\_\_\_. “Estar na hora do mundo”: subjetividade e política em Foucault e nos feminismos. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 23, 2019.

**RESUMO** Uma das constatações de Michel Foucault a partir do estudo de textos da Antiguidade clássica é de que é historicamente verificável que outras formas de existir e se relacionar com o mundo constituíram-se também e através da crítica de si, da reflexão sobre a atividade sexual, e da busca por um aperfeiçoamento do indivíduo e o comprometimento com a *parresía*, com a coragem da verdade. Tais imagens sobre o cuidado de si, as artes do viver e a própria *parresía* são muito caras a algumas vertentes da teoria crítica feminista, sendo esta questão salutar para a própria Teoria da História: ao dar subsídio crítico para considerar a pluralidade e a capacidade do indivíduo de (re)construir de forma ativa e partícipe em relação aos modos de subjetivação, Foucault também demonstra a possibilidade – e necessidade – de se considerar as lutas e os modos de produção de subjetividade como objeto histórico e de disputa política, portanto, historiográfica. A proposta deste artigo é de problematizar como os estudos do gênero e a historiografia feminista brasileira dialogam e problematizam a própria história a partir do historiador-filósofo. Para dar conta deste propósito, o estudo é feito a partir de uma reflexão alicerçada na obra *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade* (2013) de Margareth Rago. Esta escolha se deve por dois motivos: por Rago desdobrar a perspectiva proposta por Foucault, da necessidade de historicizar a noção de sujeito e o indivíduo ético moderno por serem frutos e partícipes de uma moral jurídico-normativa historicamente vencedora, mas não única; e porque neste estudo fica evidente como a historiografia pode problematizar a questão da ética, da coragem da verdade, delineando seus percursos de problematização em um caminho de busca crítica por onde se manifestam o governo das condutas e a luta pela autonomia.

**PALAVRAS-CHAVE** *parresía*; Michel Foucault; Estudos de Gênero; historiografia feminista;

**ABSTRACT** One of Michel Foucault's ascertainment from the study of Classical antiquity shows that it is historically verifiable that other ways of existing and being related to the world had constituted also through self-criticism, the reflection about sexual activity, and the search for an improvement of the individual and the commitment to the *parrhesia*, the courage of truth. Such images of the caring of self, the arts of living and the *parrhesia* itself are particularly important to some strands of feminist criticism, being this question beneficial to the Theory of History itself: when giving critical subsidy to contemplate the plurality and

the capacity of one to (re)build in an active and participative manner towards the ways of subjectivation, Foucault also expresses the possibility – and necessity – of considering the struggles and methods of production of subjectivity as both historical object and of political wrangling, therefore, historiographic. This paper aims to problematize how genre studies and the Brazilian feminist historiography dialogue and problematize their own history, starting with the thoughts of the philosophical-historian author. To accomplish such purpose, the study is carried out based on a reflexion grounded on Margaret Rago's *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade* (2013). This choice is due to two reasons: because Rago unfolds the perspective proposed by Foucault about the necessity of historicize the notion of a subject and modern ethical individual for being a product and participant of a historically winner, legal-normative moral, that is not unique; and because this study turns evident how the historiography can problematize the ethical issue and the courage of truth, tracing its paths of problematization heading to a critical search where the rule of conducts and the fight for the autonomy appear.

parrhesia; Michel Foucault; Gender Studies; feminist historiography.

KEYWORDS

99

---

FLÁVIA DA ROSA MELO

rmelo.flavia@gmail.com

RECEBIDO: 20/06/2021

ACEITO: 01/10/2021